

JAMIE LITLER



ARKSPIRE

A RELÍQUIA MISTERIOSA

Para a Lil, minha parceira ~~no crime~~ na caça às relíquias;  
sem ela este livro não existiria.





## OS ARCANISTAS

*O que significa ser mais do que apenas humano? Ser dotado de um poder inimaginável? Como escolherias usá-lo?*

Os cinco Arcanistas de Arkspire são as únicas pessoas no mundo capazes de dominar a magia, e optam por usá-la ao serviço dos outros. Quando o ser glorioso conhecido como A Visitante partilhou, pela primeira vez, a sua magia com os humanos há todos aqueles séculos, apenas os cinco Arcanistas provaram ser dignos de conservar tal poder.

Os Arcanistas eram corajosos.

Eles eram justos.

Eles eram bem-aventurados.

Eles salvaram-nos a todos da tremenda maldade dos *Traidores*.

Dos escombros de um mundo devastado pela miséria e pela guerra, os seus antepassados usaram os respetivos dons para construir a grande cidade de Arkspire, um bastião de paz e de aprendizagem.

Sacrificaram os próprios desejos e necessidades para garantir a proteção do povo de Arkspire e manter afastada a terrível maldição dos *Traidores*.

Eles nunca nos abandonarão. Nem mesmo na morte. Quando o tempo de vida de um Arcanista chega ao fim, este escolhe outra pessoa a quem transmitir os seus poderes. Uma criança cujo coração seja suficientemente puro para aceitar o dom da magia. Uma criança que prove ser tão digna quanto aqueles que a precederam. Uma criança que prometa fazer tudo o que estiver ao seu alcance para defender Arkspire, até ao dia em que lhe couber transmitir os seus poderes à próxima geração.

E foi assim que o legado dos primeiros Arcanistas perdurou até aos dias de hoje, um legado de compaixão num mundo indiferente, de magia perante o desespero. Os seus nomes são eternos.

O Tempestade.

O Criador.

A Sentinela.

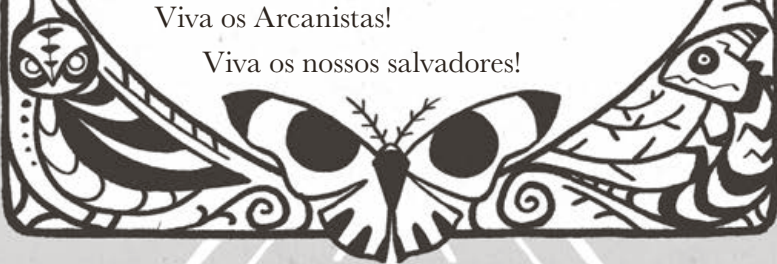
O Enigma.

A Manto.

Protegida pelos cinco grandes Arcanistas e as suas ilustres Ordens, Arkspire resistirá sempre.

Viva os Arcanistas!

Viva os nossos salvadores!





# A GRANDE CIDADE DE ARKSPIRE



## REGIÃO DA INVENÇÃO

Casa d'O Criador,  
líder da  
Ordem da Invenção



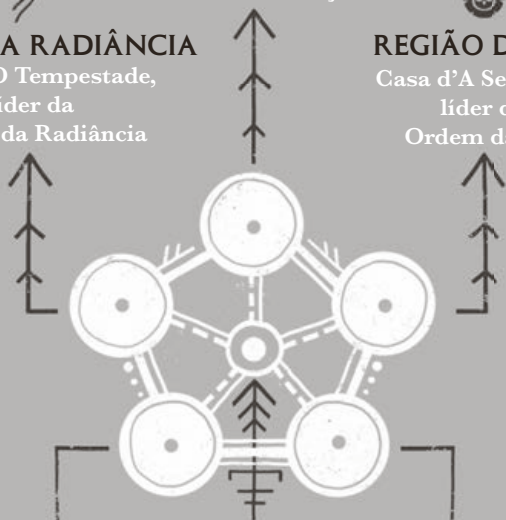
## REGIÃO DA RADIÂNCIA

Casa d'O Tempestade,  
líder da  
Ordem da Radiância



## REGIÃO DA ÍRIS

Casa d'A Sentinela,  
líder da  
Ordem da Íris



O CERNE

## REGIÃO DO PORTAL

Casa d'O Enigma,  
líder da  
Ordem dos Portais



## REGIÃO DA MEIA-NOITE

Casa d'A Manto,  
líder da  
Ordem da Meia-Noite





## PRÓLOGO

O beco não teve qualquer hipótese. A Juniper Bell escapou com um salto gigante, enrolando-se numa cambalhota ao aterrar.

A mãe dela sorria, orgulhosa.

— Não há dúvida de qu'és minha filha.

A sorrir, a Juniper virou-se, na esperança de ver a sua irmã gémea logo atrás. Em vez disso, viu a Elodie presa no telhado do outro lado do beco, com os joelhos a tremer, a espreitar por cima do beiral.

A Juniper temera que isto acontecesse.

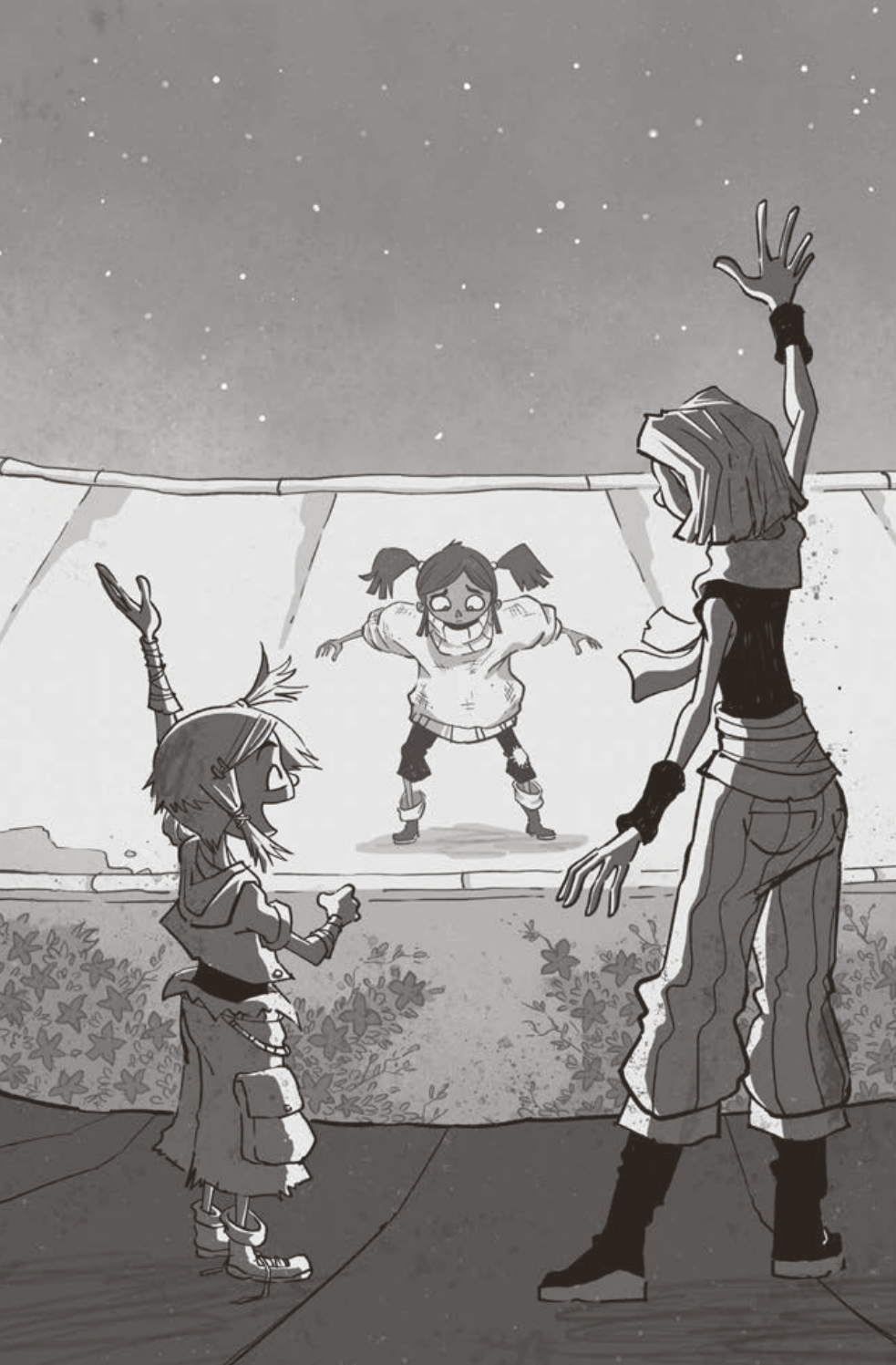
— Tu consegues, El! — gritou a Mamã. — Não é tão longe como parece!

— Eu... Eu não sei se consigo... — Os olhos da Elodie encheram-se de lágrimas de frustração.

— Consegues saltar isso na boa — disse a Juniper, encorajadora —, e tens de o fazer, senão vais cair e morrer.

— Juni! — gritou a Elodie.

— Vá lá! Qual é a pior coisa que pode acontecer?



— Hum... Eu cair e morrer?! Nem sequer devíamos estar aqui em cima! Vamos meter-nos em grandes sari-lhos se formos apanhadas.

A família Bell era da Região da Íris, governada pela Arcanista conhecida como A Sentinela.

Mas, naquele momento, elas estavam na região vizinha, a Região da Meia-Noite, casa d'A Manto e da sua Ordem da Meia-Noite. Não era contra as regras atravessar de uma região para outra... Mas, numa noite especial como aquela, não havia maneira de levarem a bem que Escolhas dos níveis inferiores como elas andassem a rondar as Terras Altas. Por isso, que outra escolha havia a não ser atravessarem os telhados à socapa? A possibilidade de ver uma Arcanista em ação valia a pena o risco.

— Ninguém nos apanha esta noite — assegurou a mãe à Elodie. — Vimos e vamos como sombras!

— Tal como A Manto! — disse a Juniper.

A Mamã riu-se.

— Mas ainda mais *sombrias!*

A Elodie ainda não estava convencida, de olhos postos no exército de guardas que vigiavam as ruas lá em baixo, com as espingardas pousadas nos ombros.



— Eu devia voltar atrás para ir buscá-la... — murmurou a Juniper à Mamã.

A Juniper nasceu 15 minutos antes da sua irmã gémea, e levava muito a sério o papel de irmã mais velha que lhe cabia. As meninas tinham a pele negra e o cabelo escuro da mãe. Mas, ao passo que o cabelo da Juniper parecia ter sido cortado com uma tesoura romba (porque fora mesmo), o da Elodie andava sempre bem penteado e arranjado. Ainda assim, a Elodie tentava prender o cabelo em coques desalinhados para ficar igual ao da Juniper. Queria sempre ser igual à irmã gémea. Às vezes era um bocadinho excessivo, ter uma imitadora que seguia todos os seus passos, mas, apesar de nunca o admitir, isso deixava a Juniper toda inchada de orgulho.

— Não. Ela consegue; eu sei que consegue — insistiu a Mamã.

A Juniper assentiu, decidida a tentar uma tática diferente. Queria ajudar a Elodie, mas nada mudaria se a Elodie não parasse de se preocupar a toda a hora com o que poderia correr mal.

— Olha, talvez isto tenha sido uma má ideia — disse a Juniper. — Espera aqui. Vamos ver a incrível, *maravilhástica* Arcanista e contamos-te *tuuuuudo* quando voltarmos. Mas é pena que não possas vir; provavelmente já vais ser mais velha do que a Mamã, da próxima vez que houver uma Herança...

— Então, não *tão* velha quanto isso — acrescentou a Mamã.

Os grandes olhos da Elodie ficaram ainda maiores, só de pensar nisso.

— Não, por favor, não me deixem! Vocês tinham razão, eu consigo!

A Juniper sorriu, triunfante. Se havia uma maneira de fazer com que a Elodie quebrasse as regras ou desse um salto arriscado entre telhados, era tentá-la com os Arcanistas. Era obcecada por eles.

A Elodie espreitou o beiral do telhado e recuou.

— Mas e... E se eu cair?

— Não vais cair! — insistiram a Juniper e a Mamã, em unísono.

— Como é que sabes?!

A Juniper sentou-se no beiral e estendeu a mão.

— Estou aqui para te agarrar.

— E não me vais largar?

— Nunca.

A Elodie estudou a irmã gémea, em busca de qualquer sinal de que estivesse a mentir.

— Prometes?

— Prometo.

A Elodie engoliu em seco e, a seguir, mordeu a língua em sinal de concentração. Foi assim que a Juniper percebeu que ia acontecer. A Elodie preparou-se. Estreitou os olhos. Com uma inspiração profunda, tomou

impulso... e saltou! Passou por cima do beco lá em baixo — *por pouco* — e a Juniper agarrou-lhe os braços, que se agitavam no ar, e puxou-a até ficar a salvo.

A Elodie olhou para trás, na direção do salto que acabara de dar, quase sem acreditar.

— Eu... Eu consegui? Eu consegui! Eu consegui! — Dava saltos de mãos dadas com a Juniper, que lhas apertava com força.

— Não há nada que as *Jelliper* não consigam fazer quando se juntam — disse a Mamã carinhosamente, tratando-as pela alcunha que as gémeas tinham dado a si mesmas. Puxou-as para um abraço.

— Bem, não podemos fazer o tempo andar para trás — disse a Juniper.

A Elodie fez uma careta.

— Porque é que precisaríamos de fazer isso?

— Porque, a este ritmo, ainda perdemos a Herança.

A Elodie ficou boquiaberta.

— Visitante do além, precisamos de nos despachar, despachar, despachar! — declarou.

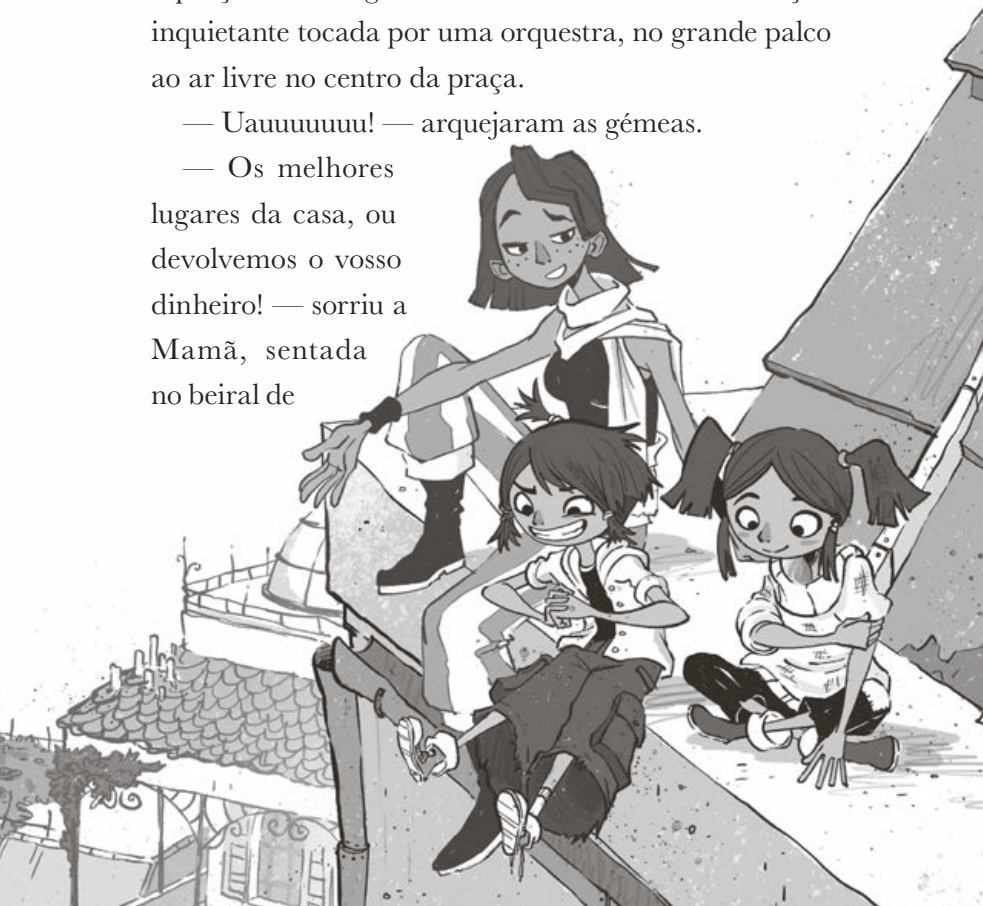


\*\*

A ampla praça da cidade, na Região da Meia-Noite, estava a abarrotar. A imensa multidão fervilhava, sob o ar abafado da noite. Gente elegante, toda ela, cada pessoa envergando trajes mais vistosos do que a anterior. Os homens pavoneavam-se, com os seus casacos elegantes e cabelos com brilhantina; as senhoras posavam, nos mais sofisticados vestidos, com as joias a reluzirem sob o brilho das inúmeras luzes etéreas das velas que enchiam a praça. Toda a gente estava extasiada com a canção inquietante tocada por uma orquestra, no grande palco ao ar livre no centro da praça.

— Uauuuuuuu! — arquejaram as gémeas.

— Os melhores lugares da casa, ou devolvemos o vosso dinheiro! — sorriu a Mamã, sentada no beiral de



um telhado com vista para as celebrações. As gêmeas sentaram-se ao lado dela, a Juniper com as pernas a balançar sobre o beiral e a Elodie um pouco mais atrás.

— Isto é espantoso! — disse a Juniper, a bater com o punho na palma da mão, radiante. A Elodie roía a unha do polegar, o riso a ameaçar escapar-se.

— Nada mau, hã? — disse a Mamã. — Quando o mundo te dá um saco vazio, cabe-te a ti enchê-lo.

Não importava que Arcanista tivesses a sorte de ver, o espetáculo nunca perdia o encanto.

Testemunhar o impossível a acontecer diante dos teus olhos não era algo que se esquecesse ou a que te acostumasses.

Mas esta noite era ainda mais especial. Era a primeira vez que acontecia uma Herança na vida das gêmeas. O momento em que os poderes de uma Arcanista eram passados para a Herdeira por ela escolhida, um dom que todas as crianças de Arkspire sonhavam receber um dia.

Na semana antes, a Mamã tinha dito às gêmeas que as levaria a ver o ritual (desde que não contassem ao Papá) e elas estavam em pulgas desde então, ficavam acordadas na cama todas as noites, a contorcerem-se com a expectativa. A Elodie até vestiu a sua melhor camisola para a ocasião. Claro, ficava-lhe demasiado grande, como todas as roupas dela, mas ao menos esta não tinha buracos.

A orquestra parou de repente e um silêncio expectante tomou conta da praça. O ar estava tão eletrizante, que

era um milagre ninguém levar um choque. Quase dava para saboreá-lo, na brisa quente da noite, a efervescer na língua, e o aroma doce das flores pretas da Região da Meia-Noite era famoso por fazer formigar o nariz.

Uma senhora afastou-se da orquestra. Começou a cantar. A canção era bela, mas também triste, do gênero que se entranha na pele e provoca arrepios. Era uma música sobre luto. Duas colunas de luz etérea branca brilhavam silenciosamente atrás dela e iluminavam algo no palco, que, até então, estivera envolto em penumbra. Era um caixão aberto, assente num pedestal. Dentro dele jazia o corpo de uma mulher incrivelmente velha, de olhos fechados e mãos brancas e enrugadas cruzadas sobre as vestes fúnebres pretas.

Atrás do caixão estava uma jovem pouco mais velha do que as gêmeas. Trazia o cabelo castanho preso em dois coques e um toucado que lhe chegava até à testa e brilhava à luz fantasmagórica. Dele pendiam dezenas de moedas — o pagamento para que o barqueiro levasse as almas dos mortos até ao Além. O rosto pálido e oval dela mal conseguia conter um sorriso. Não se podia censurá-la, tendo em conta o que estava prestes a acontecer. A Juniper já teria começado a saracotear, se tivesse sido escolhida para Herdeira.

Junto a ela estava um homem alto e com ar abatido, pertencente à Ordem da Meia-Noite. Ambos olhavam solenemente para o caixão.

Quando a canção terminou, o homem deu um passo em frente.

— Povo da Região da Meia-Noite! — declarou, com uma voz envelhecida e rouca. — É com grande tristeza que nos despedimos da nossa amada líder, a 23.<sup>a</sup> de seu nome. Mas, tal como é costume, chorámos esta terrível perda à luz abrasadora do dia. Agora, na reconfortante escuridão da noite, devemos regozijar-nos, pois o seu legado continuará vivo! A Manto escolheu uma criança digna de herdar os seus dons e de se tornar a próxima na sua linhagem grandiosa, como manda a tradição! Herdeira escolhida d’A Manto, por favor, aproxima-te e aceita o teu destino.

A rapariga assentiu e aproximou-se do caixão. Parecia confiante. Pronta. Afinal, tinha passado os últimos anos a treinar exclusivamente para este momento.

A Elodie arquejou, quando A Manto abriu os olhos. Tinha estado tão quieta, tão serena, que seria aceitável pensar-se que estava morta. Isso e o facto de estar deitada no próprio caixão. Os olhos enevoados dela fixaram-se na rapariga que estava em pé, sobre ela. Ergueu uma mão enrugada, que a rapariga segurou delicadamente, mas com convicção.

— Eu, Nyx Neverbright, entrego-me ao poder d’A Manto. Que o meu nome seja esquecido ante o meu renascimento — declarou a rapariga, antes de fechar os olhos.





A luz retornou à região.

A anciã, no caixão, imobilizou-se.

— A rapariga diante de todos vós já não é a Nyx Neverbright! — clamou a rapariga. — Agora sou A Manto, a 24.<sup>a</sup> de seu nome, líder da Ordem da Meia-Noite e da Região da Meia-Noite. E prometo, pelo poder que me foi concedido, liderar para tornar-nos ainda maiores do que fomos até aqui!

Num silêncio inquietante, todas as pessoas na plateia ergueram uma vela e transformaram a praça num mar de estrelas bruxuleantes. Tocaram os sinos por toda a região.

As gémeas assistiam, enfeitiçadas. Ao lado delas, o sorriso da Mamã alargou-se. No sítio de onde elas vinham, das Terras Baixas, o deslumbramento escasseava. O que tinham visto naquela noite compensaria, de certa forma, essa falta. Mas havia alguma coisa a atormentar a Juniper. Apesar de toda a comemoração, alguma coisa parecia não estar bem. Como um calafrio repentino num dia de verão.

A respiração dela formou uma nuvem de condensação, apesar da época do ano.

Só quando alguém gritou é que percebeu. Os sinos não estavam a tocar em comemoração. Estavam a tocar em sinal de alerta.

Quase imediatamente, começaram a surgir figuras das pedras da calçada que brilhavam, como iluminados

por um sol invisível. Materializaram-se no ar como a neblina da manhã. Atravessavam paredes como se elas não existissem. Eram cinco. Coisas distorcidas e antinaturais, quase humanas, com membros horrivelmente alongados e dedos demasiado compridos, corpos etéreos transparentes e sinuosos como fumo ao vento. Mas o pior de tudo eram os seus rostos — vazios intermináveis de coisa nenhuma, à exceção dos dois olhos brilhantes que flamejavam um fogo odioso. As coisas estenderam as mãos em direção às pessoas em redor e apontaram para a nova Manto no palco.

— Vultos! — sussurrou a Mamã, horrorizada.

A maldição dos Traidores.

O público entrou em pânico e transformou-se numa agitação caótica. A multidão fugiu aterrorizada, aos empurrões e a tropeçar uns nos outros na ânsia de escapar. Não admirava — os Vultos sugavam a força vital de todos aqueles com quem contactassem, só deixando para trás carcaças inanimadas. Os guardas direcionaram a multidão para uma fileira de símbolos de proteção gravada no chão de paralelepípedos. Os Vultos foram atrás, mas, antes de poderem arrebatam uma qualquer alma infeliz, os símbolos de proteção iluminaram-se com uma luz abrasadora. Os Vultos recuaram, agonizantes — se é que tais coisas eram capazes de sentir dor.

— Temos de ir, *agora!* — disse a Mamã, enquanto afastava as raparigas da praça.

A família correu. A Juniper saltou a seguir à Mamã, sobre o vão entre os telhados, mas a Elodie estacou.

— El, tens de saltar! — gritou a Mamã.

— Não consigo! — choramingou a Elodie.

— Consegues! Eu apanho-te!

Um brilho começou a irradiar das telhas do telhado sob os pés da Elodie. Ela gritou, cambaleando para trás quando um Vulto surgiu do telhado, diante dela, com olhos impiedosos que ardiam de inveja pela vida que ela tinha.

A Juniper sentiu um frio na barriga.

— Elodie, *corre!*

Mas a Elodie só conseguia olhar, atónita. As flores no telhado, antes tão vibrantes, murcharam e morreram na presença daquela coisa. Emitia um gemido grave e desesperado, enquanto os dedos anormalmente longos se contorciam, prontos a atacar. Se aquela coisa tocasse na Elodie, roubar-lhe-ia a vida num instante.

— Elodie! — gritou a Mamã, a saltar de volta para o outro lado do fosso. A Juniper só conseguiu ficar a ver a mãe a tentar alcançar a irmã, mas o Vulto atacou com uma rapidez assustadora, e a Mamã escapou por um triz. Tentou novamente, mas aquela coisa era demasiado rápida.

Então, subitamente, alguma coisa agarrou o pulso do Vulto. Parecia uma espécie de corda, só que feita inteiramente de sombras retorcidas. O Vulto resistiu, tentava

libertar-se, mas outro tentáculo de sombras agarrou-lhe o segundo braço, puxando-o para trás.

A Nyx, ou A Manto, como agora era chamada, emergiu das sombras no telhado. O Vulto guinchou e debateu-se, mas a magia d'A Manto mantinha-o bem preso. Ela correu na direção dele, traçando símbolos diante daquele rosto que bradava e não tinha feições, e os símbolos ficavam suspensos no ar, a brilhar intensamente. Aumentaram de tamanho, uniram-se e giraram em



torno do Vulto, como numa laçada, até que o apertaram repentinamente. Os gemidos enfraquecidos do Vulto foram tudo o que restou dele, depois disso, a coisa em si banida de novo para lá do Véu.

— Querida! — A Mamã correu para a Elodie e abraçou-a com força. — Desculpa, desculpa, não consegui chegar até ti! Eu tentei, mas eu...

Porém, a Elodie não ouvia. Tinha os olhos arregalados e vidrados. Mas não era de medo, já não. Olhava para A Manto com a mais completa e absoluta admiração.

— Estás bem? — perguntou A Manto, cuja voz transparecia grande preocupação.

A Elodie assentiu.

— Obrigada! — sussurrou a Mamã, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto. — Muito obrigada!

A Manto expirou de alívio e voltou a desaparecer nas sombras, para se ocupar dos restantes Vultos na praça.

A Juniper saltou para o telhado e ajoelhou-se para abraçar a irmã trémula.

— Ei! Estás bem?

— Aquilo... foi a coisa mais incrível que já vi — disse a Elodie, com uma voz que pouco mais era do que um sussurro. — A Manto... Consegues... Consegues imaginar ter este poder de proteger as pessoas?

— Anda, aqui não estamos seguras — disse a Mamã, a tentar levantar a Elodie, mas a filha resistia, incapaz de tirar os olhos d'A Manto, agora de volta à praça.

— Eu quero ajudar assim as pessoas — disse ela, ofegante. — Quero fazer a diferença como eles fazem. Quero tornar-me uma Arcanista!

A Juniper tentou falar, mas a Mamã lançou-lhe um olhar de advertência. Tinham de sair dali.

— Se alguém é capaz de tornar-se Herdeira, essa pessoa és tu, El — disse a Mamã, persuasiva. — Mas temos mesmo de ir.

A Juniper engoliu em seco. Não havia criança em Arkspire que não sonhasse vir a ser Arcanista. Tudo o que era preciso fazer era provar que tinhas o que era necessário: coragem, determinação e uma alma pura. Qualquer pessoa em Arkspire podia tornar-se *alguém*.

Mas a Juniper sabia a verdade. Só as crianças das classes altas eram escolhidas, aquelas de famílias com poder e dinheiro. Raparigas Escolhas, como as irmãs Bell, não tinham hipótese; mesmo com aquela idade, a Juniper tinha consciência disso. Sabia qual era o lugar delas, e não era nas torres dos Arcanistas.

Mesmo assim, não conseguia suportar a ideia de dizê-lo à Elodie, não esta noite. A Manto enchera o coração da sua irmã de esperança e inspiração, e a Juniper recusava-se a roubar-lhe isso.

Viria a recordar este momento nos anos seguintes.



# 1

## O INIMIGO DO MEU INIMIGO

*Dois anos mais tarde*

A Juniper Bell estava a ser seguida.

Tinha reparado no homem algumas ruas antes. Fizera o possível para se livrar dele, ao esquivar-se e ziguezaguear por entre a turba de gente que seguia com as suas vidas atarefadas nos mercados movimentados da Região da Íris, mas o homem mantinha-se colado a ela como um cheiro mau.

Ele sabia o que estava a fazer; isso a Juniper tinha de reconhecer.

Era cuidadoso. Limitava-se às longas sombras projetadas pelo sol do fim da tarde, evitando os raios de sol que conseguiam atravessar os edificios amontoados nas encostas íngremes que formavam as ruas, semelhantes

a desfiladeiros. Usava as bancas do mercado como cobertura, esgueirando-se entre os mercadores que apregoavam as suas mercadorias e o aglomerado de potenciais compradores, encoberto pela mistura de fumo da comida a ser cozinhada e do incenso que ardia. Tinha o rosto escondido pelo capuz largo do seu longo capote. Ela achava que devia ter olhos encovados e escuros, e uma grande cicatriz na face, e uma adaga no cinto também. Todos os requisitos habituais que acompanham tão misteriosas figuras.

Ele sabia mesmo o que estava a fazer. Só que a Juniper Bell sabia melhor.

Não havia dúvida de que ele era um caçador de relíquias, tal como ela, provavelmente a seguiu na esperança de lhe roubar o alvo suculento de que andara à procura toda a tarde.

*Nem penses, camarada,* pensou a Juniper.

Olhou para o seu alvo adiante, uma carroça mecânica conduzida por três fregueses com ar rude.

Mantinham-se cabisbaixos, com lenços puxados sobre o nariz e chapéus de abas largas bem puxados para baixo. Tentavam não chamar muito a atenção. Mas foi a forma



como seguravam os revólveres, escondidos sob os sobretudo, que chamou a atenção da Juniper. Estavam demasiado tensos e nervosos, a fitar cada transeunte como se se tratasse de um inimigo há muito esperado. Não era de espantar. Diziam que aquele bando se aventurara pelas Terras Ermas, as ruínas desertas que delimitavam Arkspire até onde a vista alcançava. Todos sabiam que as relíquias arcanas mais raras e valiosas estavam nessas regiões esquecidas.

Mas boa sorte para encontrar alguém disposto a ir lá buscá-las.

Só entravas nas Terras Ermas se estivesse: (a) *completamente* perdido; ou (b) com um *enorme*



desejo de morrer. Parece que estes tipos tinham escapado mais ou menos ilesos; no entanto (se ignorasses os olhares vazios e atormentados), e a julgar pelo que ela imaginava ser uma grande pilhagem sob a coberta da carroça, também um pouco mais ricos.

Começou a juntar-se ao clamor do mercado um outro som: o som áspero dos fonógrafos espalhados por toda a cidade.

— *Lembrem-se, cidadãos de Arkspire! Quaisquer peças arcanas ou relíquias misteriosas suspeitas de conterem magia, devem ser comunicadas às vossas amistosas guardas locais* — dizia a elegante voz do locutor, por demais familiar aos residentes de Arkspire. — *Os guardas das cinco Ordens Arcanistas estão aqui para proteger. É melhor prevenir do que remediar. Não se esqueçam: o contrabando leva ao caos!*

À frente da Juniper seguia lentamente uma carroça robusta, com a palavra «requisições» pintada na lateral, numa caligrafia elegante. Viajava na carroça um grupo de guardas fortemente armado, com os seus longos casacos cinzentos, que ostentavam o emblema da Ordem da Íris e as suas espingardas a reluzirem à luz poeirenta.

Ser apanhado em posse de relíquias mágicas proibidas era um crime bastante grave em Arkspire. Portanto, o truque era não ser apanhado.

Os contrabandistas que a Juniper estava a seguir sabiam-no muito bem. Abrandaram, a fim de evitarem aproximar-se demasiado da patrulha. Quando a Juniper

estava perto, emergiu uma rapariga da multidão que esbarrou nela. Vestia uma túnica, que tinha sido claramente costurada a partir de retalhos, e calças de trabalho azuis desbotadas por baixo. O cabelo preto e curto emoldurava um rosto largo e afável, e um nariz pequeno.

— Desculpe! — disse ela.

— Não faz mal — respondeu a Juniper, enquanto puxava para baixo a boina grande, que usava para ocultar os olhos, para não deixar transparecer que tinha reconhecido a rapariga.

Era a Thea, a melhor amiga e parceira da Juniper.

A Juniper enfiou a mão no bolso do seu casaco, comprido e puído, e tirou o pedaço de papel que a Thea lá tinha depositado. Estava dobrado em forma de ratazana, o emblema do gangue delas, as Inadaptadas. Claro, o gangue só tinha dois membros, mas ainda assim era um gangue, certo? A Juniper desdobrou o papel e olhou para os desenhos que lá estavam. Uma pessoa de pauzinhos com cabelo desalinhado, igual ao da Juniper, e outros seis atrás do primeiro, todos com olhos furiosos e dentes afiados. Era a Thea a avisá-la de que estava a ser seguida por seis pessoas, não apenas por uma. Parecia que o alvo da Juniper era mais popular do que ela pensara inicialmente.

O que quer que estivesse naquela carroça devia ser mesmo muito especial.

Havia também uma seta, na parte inferior do papel, a indicar que devia virá-lo ao contrário. No reverso, havia

uma imagem de um urso simpático a dar um abraço à menina Juniper de pauzinhos. Sim, era fofo e, sim, era espetacular.

A Juniper guardou o papel no bolso. Muito bem, seis caçadores de relíquias, cinco deles escondidos, todos atrás do mesmo objetivo do que ela. Ia ter de pensar depressa.

Deslizou pelo meio da multidão com a agilidade de um gato. Sem dar nas vistas, olhou para a montra de uma loja e viu o reflexo do homem encapuzado atrás dela. Continuava a segui-la e estava a aproximar-se. Avistou outra figura junto a uma banca do mercado, sombria e misteriosa, e uma outra a fingir que lia um jornal. Distinguiu a tatuagem de um tubarão numa delas e um pingente com uma cabeça de touro na outra. Gangues rivais, todos eles, sem se aperceberem da presença uns dos outros, pelo que lhe parecia. Tinham lenços a cobrir o nariz, capuzes ou chapéus a esconderem-lhes os rostos.

*Isto é capaz de ficar interessante*, pensou ela. Mas achou que podia fazer com que tudo funcionasse a seu favor.

Inspirou profundamente e correu em direção à carroça. O contrabandista mais próximo não viu a Juniper a agarrar-lhe a manga; estava demasiado ocupado a vigiar a carroça das Requisições, que ia desaparecendo ao fim da rua. Arregalou os olhos ao sentir o toque dela, e a mão que segurava a arma tremeu-lhe.

— O qu'ê qu'achas que 'tás a fazer, ó pirralha?! — cuspiu ele. — Pisca-te daqui!

O coração da Juniper retumbava-lhe no peito, mas ela tentou manter a calma.

— Por favor, meu senhor, vim avisá-lo! — disse ela, com a voz mais preocupada de que foi capaz, de olhos muito abertos e cintilantes, como os de um gatinho.

O contrabandista parecia preparar-se para empurrá-la para a sarjeta, e os compinchas dele olhavam-na com desprezo.

— Ouve, pirralha, não te volto a avisar...

— Por favor, ele está ali! — Ela apontou para a figura encapuzada, que se deteve no meio da rua. — Aquele homem com capuz, ele tem estado a seguir-vos!

— O que é que estás para aí a papaguear? — Mas os contrabandistas olharam para a figura encapuzada, a tentarem perceber quem era.

— Eu vi que ele tinha uma tatuagem de tubarão, e a

minha mãe sempre me disse

para não me meter com pes-

soas com tatuagens de tuba-

rão — insistiu a Juniper.



— Tatuagem de tubarão? — repetiu uma contrabandista, estreitando os olhos.

*Aquilo* atraiu a atenção deles.

A Juniper não fazia ideia se o tipo que a estava a seguir fazia parte do gangue Dente de Tubarão, mas pelo menos um dos crápulas que estavam neste mercado fazia, e ela já sabia que estes contrabandistas eram do clã Tungsténio. O líder dos Tungsténio, o cabecilha do mercado negro de relíquias, odiava os Dente de Tubarão mais do que ninguém.

A figura encapuzada começou a recuar, o que só tornou a denúncia da Juniper mais credível.

*Erro crasso, meu*, pensou a Juniper. *Devias ter-te mostrado tranquilo.*

Os contrabandistas levantaram os revólveres, e olharam para o homem, desconfiados, precisamente como a Juniper esperava que fizessem. Contava que os contrabandistas estivessem tão nervosos como pareciam.

O homem encapuzado desatou a correr.

Um contrabandista começou a disparar.

E instalou-se o caos.

Explodiram lascas de madeira e gesso pelo ar, à medida que as balas começaram a rasgar a rua. Os outros cinco caçadores de relíquias escondidos sacaram das pistolas e dispararam em resposta aos contrabandistas. As pessoas no mercado entraram em pânico. Os contrabandistas refugiaram-se atrás da carroça, para se protegerem, e dispararam de volta contra os seus atacantes.

A Juniper fez o mesmo, pressionando as costas contra a carroça, enquanto as balas ricocheteavam no metal.

— Detesto dizer que vos avisei, mas eu avisei-vos mesmo — disse ela ao contrabandista a quem tentara prevenir.

— Pira-te, não te volto a dizer! — Apontou a arma por cima da carroça e disparou sem sequer olhar.

— Bah... *Está bem!* — disse a Juniper. — Não percebo... Uma pessoa tenta ajudar um tipo... — Subiu para a carroça e deixou-se cair sobre a cobertura de juta que tapava o saque.

— Ei, sai daí! — gritou o contrabandista.

Foi então que os mecanismos da carroça começaram a soltar vapor branco, e os sinais no motor acenderam — tal como a Juniper sabia que aconteceria. A Thea aproveitou a distração para saltar para o lugar do condutor e acionar as alavancas de ignição. As Inadaptadas operavam como uma máquina bem oleada — avançavam e recuavam, sem tempo para hesitações.

A carroça avançou obedientemente, com um chiar de engrenagens a ranger.

A rugir de fúria, os contrabandistas começaram a segui-las — mas as nuvens de pólvora por todo o lado rapidamente lhes recordaram o perigo em que se encontravam e obrigaram-nos a abrigarem-se de novo.

— Voltem aqui! — gritou um contrabandista, como se isso alguma vez tivesse funcionado.

— Pensei que queriam que eu me pirasse?! — respondeu a Juniper.

Os contrabandistas gritaram por ela, enquanto a carroça descia a rua, mas as suas vozes foram abafadas pelo barulho do motor; a Juniper presumiu que estavam a dirigir-lhe palavras gentis e votos de boa sorte. Fez-lhes um pequeno gesto de agradecimento com a mão, mesmo antes de os perder de vista ao dobrar a esquina.





MAGIA. CONFUSÃO. INADAPTADOS.  
BEM-VINDOS A

# ARKSPIRE

Nesta cidade, vais encontrar segredos extraordinários que apenas uma rapariga pode desvendar: o seu nome é Juniper.

A Juniper é uma ladra de relíquias na cidade mágica de Arkspire, onde tudo é controlado há séculos pelos Arcanistas, cinco seres que parecem estar acima de qualquer lei.

Quando uma das relíquias dos Arcanistas é roubada, uma explosão faz surgir uma sombra misteriosa e poderes mágicos são transferidos para a Juniper.

Num misto de excitação e estranheza, ela vai descobrir que nem tudo é exatamente o que parece... sobretudo os Arcanistas.

Estará Arkspire preparada para o que aí vem?



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

penguinkidspt

9+

ISBN: 978-989-589-209-9



9 789895 892099

